



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

Redemocratização e futebol: Copa União de 1987 e a sua memória

Rafael Gustavo Frazão Fernandes da Silva*

Era 05 de novembro de 2014 e eu me encontrava com dois amigos em um bar em São Gonçalo para assistir ao segundo jogo da semifinal da Copa do Brasil daquele ano entre Atlético-MG contra Flamengo, a ser realizado às 22h em Belo Horizonte, Minas Gerais. O jogo, naturalmente, era cercado de expectativas pelo seu caráter decisivo e pela relevância de um campeonato nacional. No jogo de ida, a equipe carioca obteve uma boa vantagem ao vencer por 2 a 0. O Atlético-MG, que jogava em casa, para se classificar precisava vencer por uma diferença de 3 gols. Esse fato deu um apelo maior ao jogo. Da parte da torcida rubro-negra, a confiança na classificação para final era grande. Da parte da torcida atleticana, a equipe vinha de uma classificação diante das mesmas circunstâncias adversas e acreditava na repetição da campanha.

A partida se inicia com a adrenalina que se esperava, com a equipe mineira tomando a iniciativa do ataque. Enquanto o Flamengo, a pequena amostragem da sua torcida que eu tinha, mantinha-se apreensiva. E assim foi até mais da metade do primeiro tempo. Até que o Flamengo em um contra-ataque marca um gol, aumentando a sua vantagem. Os presentes no bar explodem de alegria e em meio a empolgação, um dos meus amigos se manifesta: “Eles sempre tremem contra a gente!” Certamente ele lembrava dos jogos decisivos entre as duas equipes, especialmente nos anos 80, quando eram duas das equipes mais fortes do Brasil e chegaram a sucessivas decisões.

Não se passou muito tempo e o Atlético-MG logo empatou, voltando ao páreo. Apesar de frear a euforia, a confiança dos presentes não se abalou, talvez crentes no que fora dito antes “Eles sempre tremem contra a gente!” E logo chegou o final do primeiro tempo e aproveitei o momento. Perguntei ao meu amigo, que fizera a exclamação destacada, quais eram os jogos que “eles tremeram” e entre outros, ele citou o que eu supunha, a semifinal da Copa União de 1987. Diante disso, perguntei aos dois o que achavam desse campeonato. Ambos têm menos de 30 anos, portanto, idade insuficiente para se recordarem. E resumiram-no ao debate sobre quem seria o legítimo campeão daquele campeonato, Flamengo ou Sport

*

Programa de Pós-Graduação em História Social e do Território – UERJ



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

Clube do Recife, e consideram o seu time o campeão legítimo. Argui-os ainda sobre as seguidas decisões na justiça em favor do Sport de Recife, reconhecendo-o como o campeão daquele campeonato. Deram de ombros e reafirmaram ser o Flamengo campeão daquele ano e, portanto, hexacampeão brasileiro.

Essa foi a minha primeira observação acerca da Copa União de 1987. O que chama a atenção até aqui é a construção da memória desse campeonato. Para isso, parti das reflexões de Jan Assman, que define o conceito de memória cultural. Da mesma forma que todo indivíduo, toda sociedade forma imagens de si mesma, que partem da simples conservação de fatos para logo serem inconscientemente trabalhadas e reconstruídas. Tal processo gera uma memória que é mais cultural que neurológica. A memória cultural é o que denota sentido aos outros aspectos da memória externa, quando a reprodução se torna uma constante, os objetos deixam de ser apenas adjetivos e tornam-se símbolos e representações, quando a linguagem ultrapassa a função de transmitir experiências. Nesse momento surge a memória cultural, que lhes atribuiu significado (ASSMAN *apud* COUTO, 2014).

Em vista disso, pode-se dizer que a memória que instaura a comunidade. Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwaches, mesmo a memória individual é social, pois está associada a várias memórias grupais (família, escola, amigos, cidade, país, etc.);

*No máximo são individuais as “impressões” corporais que temos de certos fatos, enquanto a lembrança deles tem origem no pensamento dos grupos dos quais estamos ligados. O passado é uma construção social marcada pela necessidade de sentido e pelos quadros referenciais do presente, que empreende tal tarefa. O passado não existe em si, é criação da cultura. As lembranças de um grupo e sua identidade são determinadas mutuamente. Qualquer grupo só ganha uma identidade, seja ela tribal ou nacional, quando se compreende e se representa enquanto tal. (ASSMAN *apud* COUTO, 2014)*

Ao continuar com minhas observações, pareceu-me claro que a construção da memória da Copa União está diretamente relacionada a formação da identidade dos diferentes grupos de torcedores envolvidos. Procurei mais uma vez pessoas próximas para fazer meu trabalho de campo, mas dessa vez as comuniquei previamente sobre o que se tratava e em ambientes mais tranquilos, pude me aprofundar com outras questões que permeiam a pesquisa.

Procurei dessa vez mais um amigo flamenguista e um botafoguense a fim de constatar a hipótese. Fiz as mesmas perguntas, mas conversei separadamente com eles, em momentos



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

distintos. Primeiro, em ambos os casos, repeti a pergunta sobre a Copa União e o flamenguista respondeu “Como eu nasci em 1988, meu conhecimento da Copa União se deu por conta da polêmica Flamengo X Sport. Na escola sempre rolava o debate quando o assunto era: quantas vezes seu time já foi campeão brasileiro?” O botafoguense também lembrou da polêmica sobre o título e o definiu como “Um campeonato que foi elaborado de maneira muito confusa.” E sobre a decisão da justiça, o primeiro: “Desconsidero. Para mim, o Flamengo ainda é hexacampeão brasileiro”, enquanto o segundo “O Sport, mesmo não tendo enfrentado os principais times do Brasil na época, é o campeão por direito da competição, já que o Flamengo se recusou a disputar os jogos finais previstos. O Sport foi o representante do Brasil na Libertadores em 1988!”

Mais à vontade ao confirmar minhas impressões com ambos, a partir daí, busquei as respostas para uma outra questão, que trata do contexto o qual se realizou o campeonato. Essa questão trata da análise das mudanças no futebol brasileiro ocorridas entre os anos de 1979 e 1987, relacionando-o ao processo de reabertura política avistado no país nesse período. Para isso, a pesquisa se baseou nos órgãos reguladores do futebol brasileiro no período determinado: Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Clube dos Treze.

O recorte cronológico proposto decorre ao fato de ser o último ano do Almirante Heleno Nunes no comando do futebol brasileiro e o surgimento de uma entidade reguladora específica do futebol no Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1979. E no segundo momento, com a crise da mesma, que levaria os principais clubes brasileiros a criarem uma entidade autônoma, o Clube dos Treze. Ao final do período determinado, ocorreu a Copa União (1987), o primeiro campeonato nacional de futebol gerido pelos próprios clubes. A pesquisa baseia-se na hipótese de que isso demonstra mudanças nas estruturas do esporte no país, ao passo da maior participação e organização da sociedade civil¹ em áreas antes de domínio do Estado, representado pelo governo militar.

Pergunto então, sobre o Clube dos Treze que é reconhecido aqui, por ambos, como um grupo formado pelos clubes para ter uma certa representatividade frente a CBF. E, por fim,

¹ Usaremos aqui a distinção metodológica entre Estado e sociedade civil proposta por Antonio Gramsci (1976), na qual o Estado é dividido em “duas formas em que o Estado se apresenta na linguagem e na cultura de épocas determinadas, isto é, como sociedade civil e como sociedade política; como 'autogoverno e como 'governo dos funcionários” (Gramsci, 1992, p. 141). Dessa forma, o Estado passa a se limitar à sociedade política (burocracia), distinguindo-se do campo da superestrutura, no qual se desenvolvem os aparelhos privados de hegemonia, a sociedade civil.



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

pergunto se notam alguma relação desses episódios com a política. Apesar de reconhecerem a influência política em diversos setores da sociedade, não conseguem ver de maneira clara como isso ocorre nesse caso.

Porém, ao lidarmos com fontes orais devemos nos atentar para além do que possa dizer o entrevistado. Devemos interpretar suas falas a fim de acharmos respostas nem sempre claras para os próprios entrevistados, ocultas através de discursos previamente construídos. No dia 17/05/2015, fui ao Bar do Chico's, próximo ao Maracanã e local de concentração de flamenguistas antes dos jogos. O jogo era Flamengo x Sport válido pelo 1º turno do Brasileirão. Vi como uma oportunidade de conversar com os torcedores sobre um assunto que eles estariam dispostos a falar naquele dia. Dessas conversas voltei a me aproximar do interesse inicial que era sobre o contexto político no qual se realizou a Copa União.

Pude conversar com três grupos de torcedores escolhidos aleatoriamente, os quais não diferiram em suas opiniões. Além de reforçar o Flamengo como o verdadeiro campeão brasileiro de 1987, todos destacaram o acordo entre os clubes em não ceder a imposição da CBF do cruzamento dos campeões do Módulo Verde e do Módulo Amarelo para definir o título. Ainda que nenhum dos grupos reconheçam a ligação entre a Copa União com o momento político do país, reduzindo a ligação entre futebol e política a “jogo de interesses”, nesse discurso evidencia-se a presença do elemento democrático na estrutura organizacional do Clube dos 13, o que não era possível no período ditatorial com forte intervenção governamental na Confederação Brasileira de Desportos².

Até aqui, as fontes revelam uma forte memória, vivida ou por tabela (POLLAK, 1989), dos torcedores de futebol sobre a Copa União de 1987 ligada estritamente ao jogo, ainda que se desdobre para uma decisão na justiça. As suas falas evidenciam a constituição participativa e democrática dos clubes na gestão da Copa União, mas diferentemente do Da constituição do campo esportivo (BOURDIEU, 2003), para os torcedores não está clara sua interseção com o campo político, sendo assim ignorado o processo de redinamização da democracia no Brasil na década de 1980.

Tratando-se de uma memória cultural constituída além da neurológica, falta buscar que elementos culturais foram esse. Nesse ponto, o jornalismo esportivo apresenta-se como o difusor dessa cultura esportiva. Como aponta Bourdieu, não podemos ignorar que os esportes

² Entidade reguladora do esporte nacional predecessora da CBF.



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

são populares no sentido que se reveste este adjetivo sempre que é aplicado aos produtos culturais de produção de massa.

Em suma, o desporto, que nasceu dos jogos realmente populares, quer dizer produzidos pelo povo, regressa ao povo à maneira da folk music, sob a fórmula de espetáculos produzidos para o povo. O desporto-espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa, e a organização de espetáculos desportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática dos desportos (sobretudo a partir do momento em que as competições desportivas se tornam uma das medidas de força relativa das nações, e portanto uma parada em jogo política) não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, no mesmo lance, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU, 2003: p.192)

Sobre a evolução do esporte, do amadorismo para o profissionalismo, o que destaca a importância do jornalismo esportivo:

Basta pensar por exemplo em tudo o que implica o facto de um desporto como rúgubi [...] se ter tomado, por intermédio da televisão, um espetáculo de massa, difundido muito para além do círculo dos praticantes actuais ou passados, quer dizer junto de um público muito imperfeitamente provido da competência específica necessária para decifrar adequadamente: o “conhecedor” dispõe dos esquemas de percepção e de apreciação que lhe permitem ver o que o profano não vê, aperceber-se de uma necessidade onde o beócio só vê violência e confusão, e por conseguinte, descobrir na prontidão de um gesto, na imprevisível necessidade de uma combinação bem sucedida ou na orquestração quase miraculosa de um movimento de conjunto, de um prazer que não é menos intenso nem menos erudito que aquele que proporciona a um melómano uma execução particularmente bem sucedida de uma obra familiar. [...] Por outras palavras, tudo parece indicar que em matéria de desporto como em matéria de música, a extensão do público para além do círculo dos amadores contribui para reforçar o reino dos puros profissionais. (BOURDIEU, 2003: p.192)

Por fim,

Mais que os encorajamentos que dá ao chauvinismo e ao sexismo, é, sem dúvida alguma, através do corte que estabelece entre os profissionais, virtuosos de uma técnica esotérica e os profanos, reduzidos ao papel de simples consumidores, e que tende a tornar-se uma estrutura profunda da consciência coletiva, que o desporto exerce, sem dúvida, os seus efeitos políticos mais decisivos: não é apenas no domínio do desporto que os homens comuns são reduzidos ao papel de fãs, limites



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

caricaturais de militantes, votados à uma participação imaginária que não é mais do que compensação ilusória do desapossamento em benefício dos entendidos.

(BOURDIEU, 2003: p.193)

Diante dessa distinção entre profissionais e amadores, ou especialistas e torcedores, mostra-se fortuita a oportunidade de contato com jornalistas e radialistas esportivos. Para além do seu papel legitimador, a condição de razoável receptáculo das informações fragmentárias do dia a dia urbano fazem do jornal e do rádio um suporte inestimável para uma reconstituição pormenorizada dos grandes acontecimentos sociais, dentre eles os relativos ao próprio esporte.

Seguirá adiante, primeiramente, a transcrição de trechos do programa *No mundo da bola* da Rádio Nacional do Rio de Janeiro AM 1.130KHz, no dia 22 de maio de 2015. O programa promove debates esportivos e está no ar desde 1930. É comandado pelo radialista Ricardo Mazella, com comentários de Pedro Garritano no estúdio e Pedro Campos por telefone direto de Brasília, além do repórter Rafael Monteiro. Fui convidado a participar do programa por seu apresentador, o radialista Ricardo Mazella, para falar sobre a Copa União de 1987. Inicialmente preparado pra uma entrevista solo com o radialista, que participou da cobertura da final do torneio, a minha participação não estava no roteiro.

Ricardo Mazella: - Recebo aqui no estúdio a visita do Rafael Frazão, ele que está fazendo mestrado de História Social na UERJ, que é a Universidade Estadual [sic] do Rio de Janeiro, e o tema do seu mestrado é Copa União de 1987. [...] Lembrando que o Flamengo foi campeão pelo Módulo Verde, Sport pelo Módulo Amarelo e até hoje o Flamengo fala que é campeão... o Sport fala que é campeão ... (intervenção de Paulo Garritano)

Paulo Garritano: - Estou indócil porque hoje é uma boa oportunidade da gente acabar logo com esse assunto, a gente vai esclarecer aqui se o Flamengo é ou não é campeão, enfim... mas é uma oportunidade de colocar uma pedra nisso e pararem de ficar falando.

Nessa parte inicial do programa evidencia-se a polêmica no debate já tratado anteriormente. O programa segue com o seu roteiro original, com Mazella estimulando a participação de ouvintes através de mensagens de áudio no Whatsapp. Por volta do minuto 21 do programa, volta-se ao tema:

Rafael Monteiro: - O Jônatas Ferraz, de Itapuranga-GO, ele está opinando pra



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

saber quem foi campeão em 87, o Sport ou o Flamengo [...]

[Mensagem de áudio do ouvinte]

É o seguinte... o campeão é o Sport. Quem disputou a Libertadores de 88? Onde está o caneco de 87 no Flamengo? Flamengo é hexa? Só tem 5 canecos! Regulamento é regulamento! Quando começou ele sabia o que iria acontecer.

Ricardo Mazella: - [...] Eu concordo com meu amigo aqui Jônatas Ferraz, Itapuranga-GO, esmeraldino com orgulho. Boa noite, Rafael Frazão! Olha a confusão que você está trazendo no programa e está mudando o roteiro aqui!

Rafael Frazão: - Boa noite, Ricardo! Obrigado por abrir aqui o espaço pra esse tema tão polêmico. E aqui já ficou claro o que eu tenho observado na minha pesquisa: nós nunca vamos chegar num consenso sobre quem foi o real campeão de 87. A minha dúvida no começo era sobre o clube do Jônatas, acabou de falar aqui o Mazella pra gente que ele é esmeraldino, mas se perguntar pra um torcedor do Flamengo nenhum dele vai concordar com isso. Então vamos sempre levar essa polêmica aí, e nunca vai chegar um consenso sobre quem foi o campeão de 87.

Ricardo Mazella: - Campeão do módulo verde o Flamengo, campeão do módulo amarelo o Sport de Recife.

A participação dos ouvintes se direcionam pro meu tema, fugindo ao roteiro original refletindo a relevância do assunto e mais uma vez a sua controvérsia. Por volta do minuto 34 do programa, Mazella me questiona sobre a própria iniciativa dos clubes e sobre a organização do campeonato, saindo um pouco da polêmica do título, além do seu imbróglio jurídico:

Ricardo Mazella: - Copa União, Rafael Frazão [...] Mas pra chegar nessa Copa União, você acha que foi válido, não foi válido, os clubes organizaram uma boa competição?

Rafael Frazão: - Foi uma tentativa muito válida, foi uma tentativa rica dos clubes brasileiros que se organizaram no Clube dos 13 e tentaram ter sua autonomia, tentaram uma maior participação dos clubes brasileiros como se pode observar hoje alguns clubes tentando, novamente, essa nova iniciativa.



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

Ricardo Mazella: - Foi o que eu falei pra você na entrevista pra você, o todo não valeu sobre o individual. Exatamente isso, porque a iniciativa do Clube dos 13 foi muito legal, mas depois o Atlético olhou pra sua barriga, o Flamengo, o Fluminense... e o interesse comum não fica acima dos interesses clubísticos. Eu acho que foi um dos problemas.

Rafael Monteiro: - Mazella, o Nilton de Barreiras-Ba, está comentando sobre a questão de 87 que sempre gera muita polêmica, vamos escutar um pouquinho o Nilton:

[Mensagem de áudio do ouvinte]

Nilton: - Sobre 87, eu perguntei pra um vascaíno, pro corinthiano, palmeirense, pro são-paulino, fluminense [torcedor do Fluminense] e eles falaram que se fossem eles também seriam campeão [sic], porque que o Flamengo não é? Problema da CBF que não soube organizar as coisas, viu? Então... não tem mais papo, Flamengo é campeão e acabou!

Ricardo Mazella: - Agora me recorda aqui uma coisa: por que teve que sair no regulamento o cruzamento do módulo verde com o módulo amarelo, primeira divisão com segunda divisão?

Rafael Frazão: - Inicialmente os clubes organizado no Clube dos 13, ele previa o módulo verde que seria o equivalente a primeira divisão. O campeonato estava sendo organizado com sucesso, a CBF então tentou participar da organização desse campeonato brasileiro pra tentar valorizar o seu campeonato ela tentou incluir o cruzamento contra o módulo amarelo pra definir os participantes da Libertadores de 88.

Ricardo Mazzella: - Perfeito! Quem organizou o módulo amarelo foi a CBF, foi isso?

Rafael Frazão: - Isso. A iniciativa do Clube dos 13 era organizar o módulo verde que seria equivalente a primeira divisão.

Ricardo Mazella: - E a CBF organizou a segunda divisão... Ou seja, onde a CBF mete o dedo, lambança. É isso?

Paulo Garritano: - É isso. Agora só pra tirar dúvida ou botar mais fogo. Depois de



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

87, quando que um clube da primeira divisão teve que jogar com um clube da segunda divisão pra ser campeão, meu amigo?

Rafael Frazão: - Nunca. [Aconteceu na Copa João Havelange de 2000]

Ricardo Mazzella: - Pra você quem foi o campeão em 87, Pedro Pontes?

Pedro Pontes: - Eu posso responder de uma maneira diferente?

Ricardo Mazzella: - Pode, só não pode se alongar

Pedro Pontes: - Nenhum time depois desse de 87, teve um time como esse, que era: Jorginho, Leandro, Edinho e Leonardo; Aílton, Andrade, Zico e Zinho; Bebeto e Renato Gaúcho. Se teve algum time melhor que esse depois de 87, aí o Sport será campeão. [Posteriormente o comentarista lembra do goleiro Zé Carlos, esquecido a princípio]

Paulo Garritano: - E outro detalhe: existe claro o regulamento, existe o argumento de que o clube assinaram e aceitaram essa proposta da CBF... Agora, existe o bom senso, né meu amigo? O bom senso pode está acima disso tudo e é claro que a justiça também deve agir com bom senso e o Rafael vai explicar que continua na justiça. Explica aí, Rafael.

Rafael Frazão: - O Flamengo entrou com recurso no Supremo Tribunal Federal recentemente pedindo uma nova análise dessa decisão da justiça favorável ao Sport que o declarou como único campeão de 87.

Esse trecho do programa é sintomático. Nele surgem os principais argumentos usados regularmente por especialistas e torcedores a favor do Flamengo: o acordo entre os clubes do Módulo Verde a revelia do regulamento, a anomalia do regulamento que previa o cruzamento de módulos e a legitimação do Flamengo como a equipe hegemônica no futebol brasileiro da década de 1980 ao apontar pra sua escalação, com 10 jogadores com participação em Copa do Mundo pela seleção brasileira.

Ao final do programa, por volta do minuto 46, é possível notar mais uma vez o destaque dado pelos torcedores ao tema. Além disso, a opinião comum fica exposta, levando Mazella a apresentar um novo argumento em favor do Sport.



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

Rafael Monteiro: - Dimas Canteiro de Bela Vista, diz: Mengão campeão de 87! Hexacampeão sempre! [...]

[...]

Ricardo Mazella: - Você que fez a pesquisa, das várias participações, o pessoal participou... como foi... 80/20... como é que foi?

Rafael Monteiro: - Foi 80 a 20 Flamengo campeão de 87.

Ricardo Mazella corrige o repórter Rafael Monteiro, alertando que era o resultado de uma pesquisa do programa sobre a Libertadores da América]

[...]

Ricardo Mazella: - Pedro Pontes flamengo, Paulo Garritano flamengo, Rafael Monteiro flamengo, entro no estúdio o Amauri [operador de áudio] que é flamengo, o nosso convidado Rafael Frazão flamengo... Só ia dar Flamengo! Eu e Barrucha [presente no estúdio] somos tricolores [...] Eu sou a favor da legalidade, tinha que ter o cruzamento!

Pedro Pontes: - Você lembra de algum jogador do Sport campeão em 87?

Garritano: - Ele estava se segurando o programa inteiro. Eu estava duvidando que ele fosse terminar o programa sem falar esse tipo de coisa, entendeu? Falar essa barbaridade [sobre o argumento da legalidade]

As palavras de Ricardo Mazella se diferem das ditas fora do ar. Com os microfones desligados, ao ser questionado por Garritano, mostra-se ciente da importância da palavra de um especialista para o torcedor e confessa que considera o Flamengo campeão de 87, porém, como torcedor rival, nunca falará sobre isso no ar.

A seguir, uma entrevista feita com o radialista Waldir Luiz. Ele fez parte da cobertura dos jogos finais da Copa União e, atualmente, é comentarista do programa Donos da Bola na Band Rio, da Rádio Nacional e da TV Brasil.

Rafael Frazão: O que foi a Copa União?

Waldir Luiz: A Copa União de 87 ela foi criada devido a CBF aquele ano ter anunciado que não teria condição de bancar o campeonato brasileiro, patrocinar o campeonato. Então aí foi criado o Clube dos 13, que lamentavelmente fizeram uma



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

grande covardia com o América, que foi o terceiro colocado do campeonato brasileiro de 86 e ficou de fora do Clube dos 13, que eram os quatro grandes do Rio, o Botafogo, o Vasco, Flamengo e Fluminense, os quatro de São Paulo, o Santos, Corinthians, Palmeiras e São Paulo, os dois do Rio Grande do Sul, Internacional e Grêmio, os dois mineiros e mais o Bahia, pela força da torcida. Aí, o Clube dos 13 se formou, numa ideia do Carlos Miguel Aidar, que hoje é presidente do São Paulo, junto com Márcio Braga, João Henrique Areias, criaram o Clube dos 13. A televisão entrou também com patrocínio e foi criado o Módulo Verde e o Módulo Amarelo. E aí tem aquele problema até hoje, o Sport diz que é o campeão, o Flamengo diz que o campeão é ele, por que no final teria que haver o cruzamento do campeão do Módulo Amarelo com o campeão do Módulo Verde pra ver quem seria o campeão. Quando o Flamengo foi campeão, pra mim justamente o campeão, venceu o Internacional de 1x0 no Maracanã, empatou a primeira de 1x1 no Beira-Rio, e o Flamengo foi campeão. Então o Clube dos 13 foi criado devido a falta de condição da CBF na época de patrocinar o campeonato brasileiro. A CBF que hoje é uma entidade rica, né? Os clubes estão pobres e a CBF está rica.

Rafael Frazão: Recentemente a justiça determinou que o Sport é o campeão de 87, mas agora o Flamengo entrou com recurso no Supremo, que foi aceito e vai ser julgado. O que o senhor acha dessa decisão da justiça?

Waldir Luiz: Eu acho que uma briga, rapaz... eu acho que a justiça deveria mandar jogar duas partidas entre o Flamengo e o Sport pra acabar com isso. Porque não se cumpriu o regulamento. O Flamengo mereceu, na minha opinião, posso até falar com muita sobriedade, pois eu não sou Flamengo, eu tô falando em cima da razão, não da paixão. Acho que o Flamengo mereceu o título, tinha um grande time, só acho que o Sport também tinha um grande time, comandado pelo Emerson Leão que tava iniciando a carreira de treinador. O que teria que acontecer é que o Flamengo e o Sport, eles fizessem o jogo, o Flamengo não quis jogar e a CBF deu aval. Então é uma briga que vai durar... olha temos aí vinte e ... vai fazer vinte e oito anos em 2015 e até hoje não tem uma decisão. O Sport diz que é campeão e o Flamengo diz que é campeão. As torcidas comemoram.

Rafael Frazão: E o senhor acha que isso tem a ver com a política do momento, tanto o surgimento da Copa União, como sobre a decisão do verdadeiro campeão?

Waldir Luiz: Olha, na época a Copa União os clubes foram escolhidos a dedo, né? Lamentavelmente fizeram uma covardia com o América, não botaram o América e de lá pra cá o América sucumbiu, né? O América teve que disputar o Módulo Amarelo [...] como se fosse a Série B, o América não aceitou disputar e entrou num



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

declínio que até hoje não consegue sair, está na Série B do futebol carioca. Então, a política acontece com o futebol. Você vê o caso aí da Portuguesa, rebaixaram a Portuguesa e botaram o Fluminense na Primeira Divisão. Em 2001, o quê que fizeram... o Fluminense pulou o muro, foi campeão da Série C e foi direto pra B [o entrevistado quis dizer Série A]. Infelizmente, a política interfere no futebol. O peso da camisa, interfere, o STJD vota com a camisa... infelizmente, a política interfere no futebol. Se fosse só futebol era muito legal, mas a CBF... você vai confiar em quem? Em José Maria Marin? Vai confiar em Marco Polo Del Nero? Não pode, pô! Aí tu papou mosca... o Ricardo Teixeira é um mafioso... aí entraram outros mafiosos.

Rafael Frazão: E o Clube dos 13 não se diferencia da CBF nesses aspectos?

Waldir Luiz: Olha, o Clube dos 13 começou muito bem. Era uma grande fase iniciativa, mas depois que o presidente do Clube dos 13 passou a receber um salário de 150mil, amigo, se vendeu a CBF e a TV Globo, aí o Clube dos 13 perdeu o apoio, aí ó... ninguém fala mais do Clube dos 13. Muita gente se locupletou com o Clube dos 13.

Rafael Frazão: E como o senhor vê o Flamengo e o Sport nos anos 80?

Waldir Luiz: Ó, o Flamengo dos anos 80... foi o grande time dos anos 80. Flamengo ganhou tudo nos anos 80. É claro... teve um período... 80, 81... já tinha sido campeão em 78 e 79, 80 não foi, e 81 ele ganhou tudo, ganhou um brasileiro... perdão, ganhou um carioca, ganhou uma Libertadores e ganhou o mundial de clubes de 81, só não ganhou o brasileiro. Em 82 ganhou de novo o brasileiro, ganhou também em 83. Depois a nível de Brasil, os anos 80 não deu nada, mas foi a todas as finais de Carioca, né? E foi tri-vice, né? 87, 88 e 89. Ganhou em 86, mas foi tri-vice duas vezes pro Vasco e uma pro Botafogo. Mas se a gente analisar um clube que numa temporada, como foi de 81, ganha em 15 dias, ele ganha 3 títulos... O carioca acabou o jogo viajou pro Japão, foi lá e ganhou o Mundial de Clubes, dez dias antes tinha ganho a Taça Libertadores em Montevideo. Então, foi um ano fantástico. O Sport, ele tem uma grande torcida, montou um grande time no ano de 87, mas evidentemente não pode nem comparar, né? A força, o peso e os títulos que o Flamengo conquistou com o que o Sport conquistou.

Nessa entrevista, surgem novamente elementos já trabalhados até aqui: o campo político dissociado do campo esportivo, o impasse quanto a definição sobre o campeão do torneio, a idiossincrasia quanto a decisão da justiça e a hegemonia esportiva do Flamengo no período. Sem apresentar novas informações que possam esclarecer pontos-chaves sobre o



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

tema, assemelhando-se profissionais e profanos, ou especialistas e torcedores, constata-se a formação cultural de uma estrutura profunda da consciência e memória coletiva, reduzindo o momento político brasileiro ao despolitizar o debate.

Fontes:

LUIZ, Waldir: depoimento [mar. 2015]. Entrevistador: Rafael Gustavo Frazão Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: PPGHS-UERJ. 01 arquivo de áudio. Entrevista concedida para dissertação de mestrado.

<<http://radios.ebc.com.br/no-mundo-da-bola/edicao/2015-05/no-mundo-da-bola-comenta-chances-dos-times-brasileiros-na>> Acesso em: 30/06/2015.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 2

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, V. 2." (1989).

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage